

**VOZES DA RESISTÊNCIA NA IMPRENSA FEMINISTA DO SÉCULO XIX: A
ESCRITA DE PRESCILINA DUARTE DE ALMEIDA E MARIA CLARA DA
CUNHA SANTOS**

***VOICES OF RESISTANCE IN THE 19TH CENTURY FEMINIST PRESS: THE
WRITINGS OF PRESCILINA DUARTE DE ALMEIDA AND MARIA CLARA DA
CUNHA SANTOS***

Cristina Löff Knapp¹
Patrícia Pereira Porto²

RESUMO

Este artigo tem como tema as vozes femininas que ecoaram em resistência à dominação patriarcal na revista *A mensageira*. Nosso objetivo é refletir sobre a escrita na imprensa feminista no século XIX. Para tanto, nosso corpus de estudo são os artigos de Presciliana Duarte de Almeida e Maria Clara da Cunha Santos, que escreveram para a revista *A mensageira*. A revista foi um veículo propulsor da causa feminista e também um importante meio de divulgação da literatura de autoria feminina, que ficou à margem da historiografia literária nacional.

Palavras-chave: Resistência, Imprensa Feminista, Século XIX, Revista *A Mensageira*.

ABSTRACT

The theme of this article is the female voices which echoed in resistance to patriarchal dominance in the journal called 'A Mensageira'. Our aim is to reflect about the writing in the feminist press of the 19th century. In order to do that, our study data are the articles of Presciliana Duarte de Almeida and Maria Clara da Cunha Santos, who wrote for the journal 'A Mensageira'. The journal was an propellant vehicle for the feminist cause as well as an important means of dissemination of the female authored literature, which stayed on the sidelines of the national literary historiography..

Keywords: Resistance, Feminist Press, 19th Century, *A Mensageira* Journal.

¹ Doutora em Literatura Comparada pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Mestre em Literatura Brasileira pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Docente Adjunta I, da Universidade de Caxias do Sul. E-mail: clkknapp@ucs.br

² Doutora pelo Programa de Doutorado em Letras, Associação Ampla, UCS/UniRitter. Mestre em Memória Social e Patrimônio Cultural pela UFPel. Bacharel em violão pelo Curso Superior de Música da UFPel. Professora do Curso de Licenciatura em Música da Universidade de Caxias do Sul. E-mail: ppporto@ucs.br

Que a nossa revista seja como que um centro para o qual convirja a inteligência de todas as brasileiras! Que as mais aptas, as de mérito incontestável, nos prestem o concurso de suas luzes e enriqueçam as nossas páginas com as suas produções admiráveis e belas; que as que começam a manejar a pena, ensaiando o vôo altivo, procurem aqui um ponto de apoio, sem o qual nenhum talento se manifesta. (Presciliana Duarte de Almeida).

Introdução

Os estudos culturais de gênero são uma vertente de grande destaque na crítica literária e proporcionam, como uma de suas temáticas, o resgate de escritoras que não fazem parte do cânone literário. Algumas dessas vozes femininas ficaram no esquecimento, sendo portanto necessário o estudo sobre suas obras, a fim de trazer à tona a riqueza de suas contribuições. Justifica-se a importância do resgate da produção de autoras do século XIX pelo fato que muitas escritoras foram apagadas da história, desconsideradas do contexto literário, visto que a crítica e a historiografia literária foi forjada por homens, que determinaram quais obras deveriam ter destaque historiográfico, desconsiderando muitas autoras femininas. (MUZART, 2000)

Nosso intento com este artigo é reaver essas vozes da resistência feminina no Brasil do século XIX, que se manifestaram na imprensa e lutaram pela causa das mulheres, pelo direito ao voto, pela liberdade de expressão e, principalmente, pela oportunidade de divulgar seus escritos. Além disso, analisar obras de autoras femininas de épocas anteriores nos permite observar o que as mulheres escreviam e como se viam no contexto literário.

Muitas publicações na imprensa brasileira do final do século XVIII e início do século XIX foram dedicadas ao público feminino. Contudo, é preciso enfatizar as afirmações de Buitoni (1986) sobre o assunto: “imprensa feminina é aquela dirigida e pensada para mulheres. A feminista, embora se dirija ao mesmo público, se distingue pelo fato de defender causas.” (BUITONI, 1986, p. 16)

Dentre os periódicos que defendiam a causa feminista encontra-se a revista *A Mensageira*, que circulou em São Paulo entre os anos de 1897 e 1900. Inicialmente, com publicação quinzenal e, após o ano de 1899, mensal. Foram publicadas ao todo 36 edições. Seu conteúdo era composto por textos em prosa ou verso, tendo como primordial objetivo a divulgação de artigos que se preocupavam com a posição da mulher na sociedade. Em 1987, a Secretaria do Estado da Cultura e Imprensa Oficial do

Revista de Letras Norte@mentos

Estado de São Paulo publicou uma edição fac-similar da revista em dois volumes, proporcionando o resgate desse material rico para a disseminação dessas vozes que resistiram ao silenciamento por tantos anos.

Apresentaremos aqui um pouco da trajetória de duas importantes escritoras da revista *A Mensageira*, Presciliana Duarte de Almeida e sua prima Maria Clara da Cunha Santos, buscando demonstrar suas contribuições para a literatura produzida por mulheres no Brasil do século XIX, e o papel que suas publicações assumiram na popularização das vozes femininas, muitas vezes deixadas à margem da sociedade.

Reivindicações feministas nas páginas da revista *A Mensageira*

A Mensageira foi um periódico que se destacou por ser dirigido por uma mulher: Presciliana Duarte de Almeida. A revista contava com 33 colaboradoras, as chamadas Mensageiras. Deve-se, todavia, ressaltar que os homens também contribuíram com seus escritos. Diferentemente de outras publicações de caráter feminista da época, que não aceitavam difundir textos de autoria masculina, *A Mensageira* compactou com a presença de textos masculinos em suas edições, buscando promover o diálogo entre os sexos e também garantir legitimidade aos escritos. É claro, os homens que escreviam para a revista compartilhavam seu ideal, este que se apresenta descrito em seu primeiro editorial, assinado pela sua diretora Presciliana. Vejamos um trecho:

Estabelecer entre as brasileiras uma *sympathia* espiritual, pela comunhão das mesmas idéias, levando-lhes de quinze em quinze dias, ao remansoso lar, algum pensamento novo-sonho de poeta ou fructo de observação acurada, eis o fim que, modestamente, nos propomos³.
(ALMEIDA, 1987, p. 01)

A voz resistente de Presciliana ecoa no periódico. Alguém que resiste aos costumes impostos ao seu tempo, principalmente ao fato de que nem todos podiam ter acesso à educação e à leitura de textos escritos por mulheres. Isso porque muito daquilo que circulava eram livros de autoria masculina.

Muitos fatores contribuem para o pouco acesso ao texto escrito por mulheres. Primeiramente, devemos lembrar que a mulher, na maior parte das vezes, estava relegada ao ambiente doméstico, sendo que toda atividade pública realizada por

³ As citações da revista *A Mensageira* foram transcritas de acordo com a grafia original e foram retiradas da edição fac-similar publicada pela Secretaria do Estado da Cultura e Imprensa Oficial do Estado de São Paulo em 1987.

mulheres era reprovada socialmente. Da mesma forma, elas tinham acesso tardio à escrita, e quando se aventuravam a escrever, frequentemente destruíam seus próprios textos, pois eram levadas a acreditar que não tinham valor. Isso contribuiu para que, quando retratadas na literatura, as mulheres tinham quase que exclusivamente uma perspectiva masculina, que as colocava em estereótipos generalizados e patriarcais. (PERROT, 2008) Corroborando com essa perspectiva, Muzart nos diz que “a educação patriarcal cerceou de maneira bárbara a vida das mulheres e estiolou muitas vocações literárias.” (MUZART, 2000, p. 22)

No que se refere aos ideais de *A mensageira*, é importante frisar que o grito desses sujeitos femininos era por igualdade, e que tinham como simpatizantes à causa alguns homens que acreditavam na isonomia entre os sexos, seja na literatura, na sociedade ou na política. Para ilustrar o diálogo entre os sujeitos masculino e feminino na revista, transcrevemos um trecho de artigo assinado por Silvio de Almeida, publicado também no primeiro volume:

Esta revista representa um feliz; tentamen, digno, por certo, de todo o acoroçoamento. Em suas paginas delicadas e encantadoras vem palpitar a alma ineffavel da mulher brasileira, que não se limita mais ao simples papel de nossa exclusiva companheira do lar, mas que já se atira á imprensa e ao livro, para viver comnosco não só a vida do corpo, mas também a vida superior do espirito. Esta revista apparece aos olhos, talvez espantados da velha educação burgueza, como um brado eloquente em favor da emancipação intellectual do eterno e doce feminino, que aprendemos a extremecer no olhar de bençam de nossas mães, santificadas no culto da mais nobre veneração pelos seus sacrificios, e acabamos finalmente por idealisar no paraíso terrestre do sorriso de felicidade de nossas esposas amoraveis. (ALMEIDA, 1987, p. 11)

Conforme Luca (1999), os textos de autoria masculina não eram a maioria no periódico, sendo apenas 3/4 ou 4/5 dos escritos de um volume, reforçando que a publicação era majoritariamente composta por escritos de autoria feminina. Os colaboradores, como transcrevemos acima, consolidavam o ideal da revista e acreditavam que a mulher não deveria ficar restrita às lidas domésticas, mas que também poderia escrever e publicar, como Sílvio Almeida elucida: se aventurar “a vida superior do espírito”.

No exemplar de número quatro, publicado em 30 de novembro de 1897, é possível ler uma coluna intitulada “Selección”, de José Américo dos Santos, cujo tema

Revista de Letras Norte@mentos

central é a educação feminina. O autor deixa claro seu pensamento a respeito da educação para ambos os sexos. Em suas palavras: “Quereis civilizar uma nação? Educae a mulher.” (SANTOS, 1987, p. 57)

Por isso, a relevância da *Mensageira* em enaltecer a instrução do sujeito feminino. Perrot (2008) complementa que o saber que estava disponível para leitura de muitas mulheres era construído a partir da visão masculina. O homem, na maioria das vezes, era o autor dos romances e outros escritos que chegavam até elas. Sobre isso, Telles complementa que “as representações literárias não são neutras, são encarnações ‘textuais’ da cultura que as gera. Excluídas do processo de criação cultural, as mulheres estavam sujeitas à autoridade/autoria masculina.” (TELLES, 2004, p. 341). Dessa forma, para a igualdade dos direitos era importante oferecer às mulheres o acesso à leitura e à escrita.

Com isso, evidenciamos o quanto foi difícil publicar e ter acesso à leitura naquele período. A partir do momento em que o sujeito feminino se aceita e se entende como alguém capaz de escrever literatura, temos uma grande proliferação de escritos. Dessa forma, o resgate desses periódicos traz à luz vozes esquecidas da literatura brasileira, ou melhor, vozes que resistiram ao tempo. Os estudos culturais de gênero, por meio do resgate das escritoras, contribui para a divulgação e conhecimento desses impressos. O grande objetivo de nosso estudo, retomado aqui, é trazer à luz alguns textos de Presciliana Duarte de Almeida e sua prima Maria Clara da Cunha Santos, que fizeram parte da *Mensageira*, ambas escritoras do século XIX que não figuram na historiografia literária brasileira.

Presciliana Duarte de Almeida e Maria Clara da Cunha Santos: vozes que ecoaram na imprensa feminista do século XIX

Presciliana Duarte de Almeida nasceu em 3 de junho de 1867, na cidade de Pouso Alegre, Minas Gerais. Filha do coronel Joaquim Roberto Duarte e Rita de Almeida Duarte. Lá passou sua infância e adolescência. Ressalta-se que nesse período conviveu com o primo, Sílvio de Almeida, que posteriormente seria seu marido. Almeida, foi poeta e estudioso da literatura clássica. A cidade de Pouso Alegre também foi o berço de Maria Clara da Cunha Santos, prima de Presciliana, e que discutiremos mais adiante neste estudo. Frisamos que escolhemos essas duas autoras para focar

neste estudo devido à importância que tiveram para consolidação das vozes femininas resistentes do século XIX, além de sua vasta produção literária.

Entre os anos de 1886 e 1890 as duas foram responsáveis pela publicação do jornal *O Colibri*, cuja edição era quinzenal e manuscrita. Nos anos de 1890, as primas, Presciliana Duarte de Almeida e Maria Clara da Cunha Santos, publicaram *Rumorejos e Pirilampos*. Vasconcellos (2004) informa que os versos que compõem o livro de Almeida aparecem, também, entre a correspondência amorosa enviada a Sílvio de Almeida, seu primo e depois marido. O casamento aconteceu em 1892, assim como a mudança definitiva para a cidade de São Paulo.

O ano de 1897 é o ano de fundação da revista *A Mensageira*. Em suas páginas podem ser encontrados, além dos eloquentes editoriais, poemas de Perpétua do Valle, pseudônimo de Presciliana. Duarte (1997, p. 57) esclarece que algumas mulheres utilizavam apenas as iniciais como pseudônimo no momento de publicar seus textos, “o anonimato - a máscara perfeita da invisibilidade- permitiu às mulheres escamotear o conflito que deve ter sido para muitas um motivo de angústia”. O embate dava-se justamente em expor-se ou não em um mundo destinado ao domínio masculino.

A exposição não foi um problema para Almeida. Em 1906, publicou o livro de poesias *Sombras*. De acordo com Vasconcellos (2004), Maria Amélia Vaz de Carvalho, conhecido nome feminino de Portugal, escreveu uma crítica no *Jornal do Comércio*, em 1907, enaltecendo o valor literário da autora e principalmente do seu livro, deixando transparecer “nele um coração de mulher admiravelmente dotado para sentir todas as comoções da natureza e da vida.” (VASCONCELLOS, 2004, p. 409). Vejamos um trecho do poema que dá título ao livro:

[...] Sombras das ramas verdes e floridas
Sombras das aves a voar cantando,
Sombras pelas aragens sacudidas,
Sombras de criancinhas tateando. (VASCONCELLOS, 2004, p. 411)

Os versos, como aponta Vasconcellos (2004), são comparados às sombras, que vão passando, como se ficassem no passado. Isso poderia sugerir uma saudosa lembrança de acontecimentos já transcorridos.

As publicações de Almeida não se restringem somente a esses livros, que foram muito bem avaliados e recebidos pela crítica da época. Em 1908 publica *Página infantil*

Revista de Letras Norte@mentos

e, em 1914, *O livro das aves*, também destinado ao público infantil. Já em 1939 foi a vez do livro de versos *Vetiver*. Vale lembrar que nessa altura da vida, Almeida tinha 75 anos. Ela veio a falecer em 1944, no dia 13 de junho. Seu marido, Silvio Almeida, faleceu 20 anos antes. Luca (1999) pontua que de 1924 a 1944, Prescilina viveu seus vinte anos de solidão, em São Paulo, morando em um hotel. Seus filhos, já formados, estavam no interior, envolvidos com suas carreiras dedicadas ao direito.

Não podemos esquecer que Presciliana Duarte de Almeida, junto com o marido Sílvio de Almeida, fundou em 1909 a Academia Paulista de Letras que, segundo Luca (1999), tinha o mesmo estilo da Academia Francesa, porém sem a exclusão das mulheres. Presciliana ocupou uma das vagas de membro fundador, especificamente a cadeira de número 8. Para patrona, escolheu a “tia- trisavó dela própria e de Sílvio, a célebre Bárbara Eliodora da São João del-Rei setecentista.” (LUCA, 1999, p. 68)

Presciliana Duarte de Almeida teve uma profícua produção literária. Na revista *A Mensageira*, da qual foi diretora, publicou vinte e oito poemas, três deles sob o pseudônimo de Perpétua do Valle. Quase todas as poesias, assinadas por Presciliana, apareceram no segundo livro, *Sombras*, de 1906.

É importante ressaltar que a poetisa era responsável pela redação dos editoriais e do material dedicado à seção “Noticiário”, além da escolha de excertos que ilustravam a coluna “Seleção” e os recortes escolhidos de outros periódicos sob a epígrafe “A Mensageira”, conforme a pesquisa de Luca (1999).

Presciliana Duarte de Almeida é uma voz resistente à dominação masculina e luta pelos direitos igualitários entre homens e mulheres, como podemos verificar no editorial do quarto número, de 30 de novembro de 1897, que transcrevemos abaixo:

Precisamos de uma completa reforma na educação moral da mulher. Ella precisa saber que tendo intelligencia e nobres aspirações não deve opprimir e limitar seu pensamento. Não basta que lhe arda no cerebro o fogo da inspiração e a comprehensão do bello necessário que patenteie, em linguagem clara e precisa, esses sentimentos e essas inspirações. (...) Para os espiritos frivolos, a mulher instruida não pode ser bôa esposa, porque julgam que o estudo lhe rouba o tempo destinado aos arranjos domésticos e á criação dos filhos. Empregamos aqui o termo criação em vez de educação, porque esta só poderá ser dada por quem a tiver, e a mulher que satisfizer a esses espiritos frivolos, ha do necessariamente não ter educação, e portanto não poderá dispensar a seus filhos mais que a criação, a qual sem a educação nos colloca ao nivel dos irracionaes. A mulher instruida será

melhor mãe que a ignorante, prova-nos a experiencia e atesta-nos a razão. (M. P. C. D., 1987, p. 49)

O editorial intitulado “A nossa condição” traz como assinatura as iniciais M. P. C. D. que, consoante Luca (1999), provavelmente é um heterônimo de Presciliana, isso porque as ideias defendidas neste artigo vão ao encontro do que ela afirma em seu primeiro editorial em relação à instrução da mulher. Ou seja, ataca-se o pensamento de muitos que acreditavam que o desenvolvimento intelectual iria comprometer a postura de mãe e esposa.

Ainda como adverte Luca (1999), o acúmulo de responsabilidades assumido por Presciliana teria sido o fator responsável pela criação dos heterônimos, dando a ideia de um vasto corpo editorial e de maior impessoalidade. Perpétua do Valle, como já mencionado, foi um pseudônimo de Almeida, tendo a função de exercer a crítica artístico-literária como também a publicação de poemas. O pseudônimo foi mantido em sigilo durante todo o período de circulação de *A Mensageira*. Em 1914, quando o marido de Presciliana, Silvio Almeida, apresentou o trabalho *Cancioneiro dos Bandeirantes*, no I Congresso de História Nacional, é que foi revelado ao público que Perpetua do Valle era o pseudônimo de Presciliana Duarte de Almeida. Luca (1999) indica que o uso de heterônimos e pseudônimos traz à tona a preocupação de Almeida com os leitores, que poderiam protestar, e também mostrou o seu caráter reservado. Já Duarte (1997, p. 54) explica que muitas mulheres utilizavam um pseudônimo masculino, com a intenção de proteger-se de críticas. Além disso, lembra que muitas até tinham o talento, porém se na família já existia um homem escritor, elas deveriam permanecer nas sombras, ocultas para não ofuscar o brilho do outro. O uso dos pseudônimos não deve ser visto como algo negativo e sim como uma maneira encontrada por muitas mulheres para publicarem e terem seus livros ou artigos em jornais e revistas aceitos na sociedade patriarcal.

A postura crítica assumida por Presciliana demonstra o seu engajamento com a causa feminista, e podemos perceber que a autora, inclusive, critica as mulheres que não se posicionam, pois estariam se omitindo. Essa omissão é vista como algo ruim e um exemplo negativo para as gerações futuras. Por isso, a editora de *A Mensageira* insiste tanto em levar aos lares das mulheres brasileiras textos de qualidade que as façam refletir sobre a sua condição de silenciamento e resignação. Sobre a forte tendência da revista em articular vozes da resistência, Zinani (2019) assinala:

Revista de Letras Norte@mentos

Ainda que o editorial do primeiro número da revista já declare o propósito de levar às leitoras um “pensamento novo”, o locus de resistência de *A Mensageira*, presente desde o primeiro número, pode ser melhor configurado no artigo “Entre amigas”, escrito por Júlia Lopes de Almeida, que procura traduzir o espírito da revista. A autora chama a atenção para a necessidade do desenvolvimento intelectual que a capacite, inclusive, a exercer uma profissão, em caso de necessidade. (ZINANI, 2019, p. 19)

O artigo de Júlia Lopes de Almeida vai ao encontro do propósito do periódico: levar aos lares das brasileiras, literatura de qualidade. Refletir sobre a condição de submissão do ser feminino e, ao mesmo tempo, incentivar o espírito crítico e a busca por melhores condições. Por isso, a revista é um locus de resistência.

Além de Almeida, a revista *A Mensageira* nos contemplou com outra voz resistente, Maria Clara da Cunha Santos, prima de Presciliana. Maria Clara Vilhena da Cunha era seu nome de solteira e, após o seu casamento com José Américo dos Santos, passou a assinar Maria Clara da Cunha Santos. Nasceu em 18 de novembro de 1866, na cidade de Pelotas, no Rio Grande do Sul. A autora faleceu em 23 de outubro de 1911, no Rio de Janeiro. Sua vida foi bastante intensa e dedicada ao meio literário, pois além de poemas, escreveu contos, crônicas e foi jornalista. Sua coluna “Carta do Rio” integrou quase todas as edições da revista *A Mensageira*.

Luca (1999) complementa que a origem singular gaúcha de Cunha está relacionada ao emprego de seu pai, João Vieira da Cunha, que estudou direito e atuava como juiz. No início de sua carreira foi designado como auditor da guerra, na Guerra do Paraguai (1864-1870). Após, o pai de Maria Clara volta para Minas Gerais, em Pouso Alegre. Lá, ela convive com os primos, Presciliana e Sílvio de Almeida, e inicia seus primeiros escritos: poemas.

O periódico *O Colibri* foi publicado, em forma de manuscrito, pelas primas Presciliana e Maria Clara, entre os anos de 1886 e 1890. Além disso, Cunha foi colaboradora dos seguintes periódicos, todos com o viés feminista: *A Família*, *A Estação*, *Rua do Ouvidor*, *A Semana*, *Gazeta de Notícias*, *O País*, *Tribuna Liberal*, *Correio da Tarde*, *Jornal do Brasil* e *O Corymbo*, como elenca Neves (2009). Isso reforça a sua importância na imprensa feminista do século XIX. Maria Clara da Cunha Santos publicou também *Pirilampas* (1890), livro de poemas; *Painéis* (1902), contos; *América e Europa* (1908), crônicas de viagem, como informa Neves (2009).

Os escritos de Maria Clara da Cunha Santos na revista *A Mensageira* na coluna “Carta do Rio” aparecem praticamente em quase todas as edições, lembrando que a revista teve 36 volumes e sua coluna esteve em 31 edições, como nos confirma Luca (1999). Sobre os escritos com o título de “Cartas do Rio”, Neves e Nogueira (2014) elucidam:

Ao fazer referência ao gênero epistolar, o título da coluna pertencente a Maria Clara parece estabelecer com o leitor uma relação de intimidade e familiaridade. O ‘eu’ clariano revela a si e ao outro para um ‘outrem’ desconhecido através de suas impressões acerca da política, costumes, moralidades, arte, enfim, uma miscelânea de assuntos que pretendem pintar o cotidiano da capital da República. (NEVES; NOGUEIRA, 2014, p. 320)

Como a escritora morava no Rio de Janeiro e era a correspondente da revista naquela cidade, sua coluna se chamava “Carta do Rio”. Eram muitos os assuntos nessa coluna, e a linguagem utilizada era acessível, característica do gênero crônica. Mais uma vez recorremos às considerações de Neves e Nogueira (2014) sobre isso:

O fato é que, através das cartas do Rio, tomamos contato com uma infinidade de textos que se acomodam em gêneros diversos. O cotidiano é fotografado pelo olhar de Maria Clara em forma de poesia, de conto, de textos fabulares, de pequenas anedotas, de conselhos ao leitor, de cartas e de críticas literárias. (NEVES; NOGUEIRA, 2014, p. 321)

O fato de os escritos de Maria Clara da Cunha serem diversos reforça o quão relevante foi a sua produção. Contos, crônicas, poemas e artigos em vários periódicos. No segundo número da *Mensageira*, datado de 30 de outubro de 1897, a sua coluna trazia dentre outros assuntos um relato divertido de uma menina pequena que tinha medo de um senhor de idade por ele ter uma aparência ruim. A história lembra os famosos contos populares que proliferavam no imaginário infantil das crianças. Narrativa cativa com a intenção de entretenimento, típico do gênero crônica. Sobre o caráter didático dos escritos de Santos, Neves e Nogueira ilustram:

As crônicas clarianas trazem em sua essência um caráter didático, uma possível lição de vida aos leitores, partindo sempre de provocações. Maria Clara tenta comover seu leitor misturando elementos referenciais a pitadas de ficcionalização. Além disso, promove, muitas vezes, a aproximação do texto escrito com a oralidade. (NEVES; NOGUEIRA, 2014, p. 323)

A crônica é um gênero que tem como natureza a praticidade e o retrato do cotidiano. Isso pode ser percebido no texto de Maria Clara, refletindo sobre diversos assuntos. A coluna de Cunha apresentou que “ a crônica também pode vir travestida de notícia, de carta, de conversa, de colunismo social, de piada, com ares de conto. Enfim, uma infinidade de construções possíveis.” (NEVES; NOGUEIRA, 2014, p. 321)

Maria Clara da Cunha Santos também estava aliada ao propósito da revista *A Mensageira* de levar aos lares das brasileiras textos de qualidade e a defesa dos seus direitos. Isso é feito de forma sutil, sem a veemência dos textos de Presciliana, mas deixando claro que o sujeito feminino também deveria ter acesso à escrita e à leitura. Vemos isso na crônica da edição número sete, publicada em 15 de janeiro de 1898.

La Fronde é o título de um jornal diário que apareceu agora em Paris. A directora da nova folha é Mme. Durand. O jornal é todo redigido, collaborado e mesmo typographicamente composto por mulheres. Essa noticia de algum modo nos encoraja! Gostaríamos que o exemplo fosse imitado aqui no Brazil. Quantas senhoras de talento, aptidões e fortuna conhecemos que se deixam envelhecer inutilmente. A rotina é tudo em nossa terra. Ainda ha muita gente - e gente da alta sociedade - que tem horror á mulher litterata. No emtanto, seja qual for a posição do marido, sempre a coadjuvação de uma intelligencia cultivada de uma mulher superior será um preciosissimo auxiliar. (SANTOS, 1987, p. 102)

Com uma linguagem mais descontraída, Maria Clara saúda o novo periódico francês, enaltecendo a publicação de um jornal dirigido e escrito por mulheres, com a finalidade de encorajar as brasileiras a também lutarem pelo seu direito de escrever. Duarte (2016) orienta que a leitura “deu consciência do estatuto de exceção que ocupavam no universo de mulheres analfabetas e da subalternidade a que estavam submetidas.” (DUARTE, 2016, p. 222) É preciso ressaltar que a coluna da autora sempre trouxe os mais diversos assuntos, todavia nunca deixou de lado o ideal da revista: incentivar a cultura, a leitura e a escrita das mulheres brasileiras, seus direitos por uma sociedade sem desigualdades. No *Dicionário Bibliographico Brasileiro*, de Augusto Victoriano Alves Sacramento, publicado no ano de 1900, encontramos o seguinte verbete sobre a autora:

D. Maria Clara Vilhena da Cunha – E’ uma distincta poetisa brasileira, que esteve de passeio na Capital Federal com seu pae em setembro de 1890. Escreveu: - *Pyrilamos*: poesias. Rio de Janeiro, 1890. – Em seguida, no mesmo volume, se encontra: - Rumorejos: poesias de D.

Presciliana Duarte, sua amiga e patrícia. Este livro é prefaciado por outra senhora também poetisa. (BLAKE, 1900, p. 229)

Como podemos constatar, o Dicionário traz uma breve descrição de Maria Clara da Cunha Santos, o que não torna menor os seus escritos, apenas reforça o silenciamento pelo cânone masculino a respeito de escritoras do século XIX. Santos teve uma vasta produção, não somente literária como também no meio artístico, destacando-se na música. A revista *A Mensageira*, no número 23, de 15 de setembro de 1898, traz uma foto de Maria Clara da Cunha Santos e abre com um artigo assinado por Perpetua do Valle, pseudônimo de Presciliana Duarte de Almeida, como já comentamos, observemos:

O retrato que ora publicamos podia bem vir desacompanhado destas linhas explicativas, tão conhecido é de nossos leitores o nome de Maria Clara da Cunha Santos. Intelligencia vastissima, affeita a todo genero de trabalhos, possuidora de accentuada habilidade para as bellas artes, com uma facilidade enorme de percepção e com a maior somma de paciência possível, poderia, si o quizesse, ser uma grande cultora da forma, da phrase castigada, das estrophes trituradas e cantantes... A expansibilidade e a singeleza são, porém, os attributos do seu espirito superior. Tudo o que escreve tem o encanto indefinivel de uma grande simplicidade! D'ahi a sympathia que lhe advem de todos que a leem! Os leitores da Mensageira terão certamente encontrado nas Cartas do Rio momentos de bom humor e ensejo de dar algumas risadas gostosas neste tempo de luctas e de pessimismo! (VALLE, 1987, p. 354).

A longa citação do artigo de Perpétua do Valle enaltece a força dos escritos de Cunha e, ao mesmo tempo, um fato curioso: como uma autora com uma produção artística e literária tão vasta ficou no esquecimento? Barp (2018) salienta que mesmo que Cunha tenha um verbete no *Dicionário Bibliographico Brasileiro*, de Augusto Victoriano Alves Sacramento Blake, e figure na obra *Perfis de musas, poetas e prosadores brasileiros*, de Alzira Freitas Tacques, não faz parte da historiografia literária brasileira. As vozes de Cunha e de Almeida foram silenciadas pelo cânone masculino brasileiro, assim como muitas das outras escritoras que faziam parte de *A Mensageira*.

Considerações Finais

As publicações de escritos femininos, no século XIX, não somente em periódicos como também de livros, tiveram bastante êxito. O período rendeu vários *Revista de Letras Norte@mentos*

impressos em diversos pontos de nosso país, e *A Mensageira* foi uma delas. Abarcou artigos, poemas, notas pequenas, notícias, contos, crônicas de várias mulheres, entre elas, Presciliana Duarte de Almeida e Maria Clara da Cunha Santos. Zinani (2019) questiona: “em que medida *A Mensageira*: revista dedicada à mulher brasileira, pode ser entendida como um lócus de resistência da mulher na imprensa do século XIX?” (ZINANI, 2019, p. 29)

A questão de Zinani pode ser respondida pela quantidade de escritos que tivemos de autoria feminina nesse período. Sim, a revista foi um lócus de resistência que a historiografia literária pretendeu silenciar. Contudo, acentua-se a importância de estudos que procurem resgatar essas vozes esquecidas, trazer à tona o pensamento dessas mulheres de existência ímpar no século XIX. Isso porque conseguiram adentrar aos lares das brasileiras com suas ideias revolucionárias e pertinentes. Lutar pela igualdade entre homens e mulheres, pelo direito ao voto e à educação. Conquistas tão importantes que fizeram e ainda fazem toda a diferença em nossa sociedade, por isso, essas senhoras Mensageiras não podem ser relegadas ao esquecimento. Hahner (1981) elucida que:

Em lugar de perguntar qual foi o papel das mulheres em determinado movimento, devemos indagar que luz aquelas atividades irradiaram sobre os papéis das mulheres; do contrário, a maioria das mulheres são definidas como marginais à história. (HAHNER, 1981, p. 16).

As luzes que Presciliana Duarte de Almeida e Maria Clara da Cunha Santos irradiaram foram muitas, principalmente, de incentivo à maioria das mulheres na luta pelos seus direitos, e pela literatura. Foram escritoras que tiveram sua produção literária esquecida, todavia, é nosso dever trazer à tona a riqueza desses escritos.

Referências

ALMEIDA, Presciliana Duarte de. Duas Palavras. In: ALMEIDA, Presciliana Duarte de (ed). *A Mensageira*: revista literária dedicada à mulher brasileira. Edição fac-similar. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado: Secretaria de Estado da Cultura: São Paulo, 1987. p.01-02. v. I.

ALMEIDA, Sílvio. Cartão de parabéns. In: ALMEIDA, Presciliana Duarte. de (ed). *A Mensageira*: revista literária dedicada à mulher brasileira. Edição fac-similar. São

Revista de Letras Norte@mentos

Paulo: Imprensa Oficial do Estado: Secretaria de Estado da Cultura: São Paulo, 1987. p.10. v. I.

BARP, Guilherme. A estátua luso brasileira, de Maria Clara da Cunha Santos: in: ZINANI, Cecil Jeanine Albert. (org.). *Mulheres gaúchas na imprensa do século XIX*: Almanaque de Lembranças- Luso Brasileiro. Caxias do Sul: Educs, 2018. p.95- 112.

BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. *Dicionário bibliográfico brasileiro*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1900, v.6. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/221681?show=full>. Acesso em: 10 jun. 2020.

BUITONI, Dulcília Schroeder. *Imprensa Feminina*. Editora Ática, 1986.

DUARTE, Constância Lima. O cânone e a autoria feminina. In: SCHMIDT, Rita Terezinha (org.). *Mulheres e Literatura: (trans)formando identidades*. Porto Alegre: Editora Palloti, 1997.

DUARTE, Constância Lima. Do grupo à(s) rede (s): perspectivas feministas. In: ZINANI, Cecil Jeanine Albert; SANTOS, Salete Rosa Pezzi dos. (Org.). *Trajetórias de Literatura e Gênero: territórios reinventados*. Caxias do Sul: EDUCS, 2016. p. 221-229.

HAHNER, June Edith. *A mulher brasileira e suas lutas sociais e políticas: 1850-1937*. São Paulo: Brasiliense, 1981.

LUCA, Leonora de. *A mensageira: uma revista de mulheres escritoras na modernização brasileira*. 1999. 581 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Sociologia, Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Campinas, 1999. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/280414>. Acesso em: 30 nov. 2019.

MUZART, Zahidé Lupinacci. *Pedantes e bas-bleus: história de uma pesquisa*. In: MUZART, Zahidé Lupinacci (org.). *Escritoras brasileiras do século XIX*: Volume I. 2. ed. Florianópolis: EDUNISC, 2000a. p. 17-29.

M.P.C. *A nossa condição*. In: ALMEIDA, Presciliana Duarte de (ed). *A Mensageira*: revista literária dedicada à mulher brasileira. Edição fac-similar. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado: Secretaria de Estado da Cultura: São Paulo, 1987. p.49. v. I.

NEVES, Maria Alciene; NOGUEIRA, Adelaine LaGuardia. Carta do rio: a escrita cronística de Maria Clara. In: DUARTE, Constância Lima (et. al.). *Arquivos femininos: literatura, valores, sentidos*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2014. p. 317- 328.

PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres*. São Paulo: Contexto, 2008.

SANTOS, José Américo dos. Seleção. In: ALMEIDA, Presciliana Duarte de (ed). *A Mensageira*: revista literária dedicada à mulher brasileira. Edição fac-similar. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado: Secretaria de Estado da Cultura: São Paulo, 1987. p.57. v. I

Revista de Letras Norte@mentos

SANTOS, Maria Clara da Cunha. Carta do Rio. In: ALMEIDA, Presciliana Duarte de (ed). *A Mensageira*: revista literária dedicada à mulher brasileira. Edição fac-similar. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado: Secretaria de Estado da Cultura: São Paulo, 1987. p.102. v. I

TELLES, Norma. Escritoras, escritas, escrituras. In: DEL PRIORE, Mary (Org.). *História das mulheres no Brasil*. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2004. p. 401-442.

VASCONCELLOS, Eliane. Prisciliana Duarte de Almeida. In: MUZART, Zahidé Lupinacci. *Escritoras brasileiras do século XIX*: antologia. Florianópolis: Mulheres, 2004. vol. II. p.407-428.

VALLE, Perpétua do. Maria Clara da Cunha Santos. In: ALMEIDA, Presciliana Duarte de (ed). *A Mensageira*: revista literária dedicada à mulher brasileira. Edição fac-similar. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado: Secretaria de Estado da Cultura: São Paulo, 1987. p.354. v. I.

ZINANI, Cecil Jeanine Albert. *A Mensageira*: locus de resistência feminina no século XIX. In: ZINANI, Cecil Jeanine Albert (org.). *Imprensa feminista e literatura*: contribuições da revista *A Mensageira*. Caxias do Sul: Educs, 2019. p. 11-35.

Recebido em 20/02/2023

Aprovado em 08/05/2023